

Para que educar

Reinaldo Matias Fleuri *

A sociedade não é um monobloco, e a educação não é unívoca.

A sociedade é um conjunto de pessoas, grupos, classes que vivem em relação e luta entre si. E as práticas educativas refletem os interesses diferentes e divergentes dos vários grupos sociais.

Por isso, não há respostas unívocas para as questões levantadas pela Comissão de Ensino da ADUFU. Da mesma forma não há respostas abstratas acerca do "sujeito", "objetivo", "metodologia", "conteúdo" e "avaliação" dos processos pedagógicos. Essas respostas se encontram implícitas e mesmo ambíguas nas diferentes práticas e propostas educacionais.

A prática mais comum em nossas escolas hoje responde a estas questões da seguinte maneira: o *sujeito* da educação é o professor, que educa seus alunos com o *objetivo* de torná-los cidadãos adaptados à estrutura social vigente e profissionais do tipo requisitado pelo mercado de trabalho. A *metodologia* pedagógica emprega técnicas para fazer com que os alunos aprendam teorias abstratas e se habituem a se submeter aos juízos e expectativas do professor ou do chefe. Com isso, os procedimentos de *avaliação* reforçam mais a submissão do



que a aprendizagem no aluno.

Esta prática autoritária e alienante é contestada por aqueles que propõem um processo educacional em que se ensine o indivíduo a ser livre. As metodologias liberais reforçam no indivíduo a capacidade de desenvolver opiniões próprias e ter autonomia de decisões. O *indivíduo* é considerado *sujeito* de sua educação, autor de seus *métodos* e juiz de si mesmo, através da *auto-avaliação*.

Mas será que a perspectiva de educação é revolucionária, capaz de reforçar os processos realmente transformadores da nossa sociedade?

Na realidade, a educação liberal em nosso contexto social é pró-

pria para formar a "elite dirigente", da mesma maneira que a educação autoritária é adequada para formar a "massa trabalhadora", disponível e submissa ao modelo econômico capitalista. O liberalismo educacional é apenas contraponto da educação autoritária, para manter o sistema social em que alguns se enriquecem às custas da exploração da maioria.

Haverá, então, possibilidade de uma educação libertadora em nosso contexto?

A educação libertadora não é mera possibilidade. Ela está sendo uma realidade! Está efetivamente se desenvolvendo no seio dos movimentos populares, que

resistem às opressões, reivindicam os direitos da maioria e articulam processos libertadores.

Trata-se de um processo educacional cujo *sujeito* não é individual (nem o chefe, nem o indivíduo sozinho), mas é um sujeito *coletivo*, que surge da participação ativa das pessoas em seu grupo, comunidade, associação...

As *metodologias* desenvolvidas reforçam, de um lado, a participação, o diálogo, o enfrentamento e superação dos conflitos. De outro lado, a reflexão se faz a partir e em função da prática, verificando-se sua validade na própria prática. A *avaliação* assume, aí, o autêntico sentido de verificar, reforçar e reorientar o avanço do grupo na consecução de seus objetivos.

O diálogo, assim como a unidade entre teoria e prática, conduz, objetivamente, à superação do autoritarismo e da alienação. Por isso, o diálogo desenvolvido junto às classes populares sobre os problemas que emergem de sua prática é o cerne da educação libertadora.

Mas, será possível aprender e desenvolver esta educação libertadora sem uma clara opção política e uma efetiva articulação com os interesses objetivos das classes populares?

* Professor do Departamento de Pedagogia da UFU